

Laboratório de Humanidades como *Paidéia* crítica: percurso estético em confronto a noção de perfectibilidade como dinâmica humanizadora em Saúde

Jacqueline Izumi Sakamoto, Universidade Federal de São Paulo, Brazil

Resumo: Este trabalho integra o Projeto de Pesquisa Regular FAPESP “As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades”: investigação e experimentação, e pretende com ele problematizar, na confluência entre investigação e experimentação, em que medida a desumanização pode ser vista como “sintoma patológico” da Modernidade quando segue como fundamento uma Antropologia da Perfectibilidade humana. E até que ponto a experiência das Humanidades podem ser apresentadas como “remédio” ou caminho de humanização (“Paidéia” crítica) no âmbito da Saúde.

Palavras-chave: laboratorio de humanidades, humanização na saúde, percurso estético literário, paidéia crítica, antropologia da perfectibilidade

Abstract: This study is part of the FAPESP Regular Research Project “The pathologies of modernity and the remedies from humanities: investigation and experimentation”, and it intends to discuss, at the confluence of research and experimentation, to what extent dehumanization can be seen as a “pathological symptom” of Modernity, when following an Anthropology of Human Perfectibility as its basis. This work also intends to discuss to what extent the experience of Humanities can be presented as a “remedy” or a humanization journey (critical “Paideia”) within the health scope.

Keywords: Humanities Laboratory, Humanization in Health, Literary Aesthetic Journey, Critical Paideia, Perfectibility Anthropology

Introdução¹

Consideramos que caracteriza a nossa época polarizações e extremismos reais e profundos. Se por um lado chegamos a um desenvolvimento técnico científico que supostamente trariam alívio aos sofrimentos humanos, por outro lado, foi exatamente a dimensão humana – naquilo que traz de indefinível, contraditória, e movida pelos afetos - que sofre com a tecnificação da vida. E, como consequência do afastamento radical de todo conteúdo existencial a experiência humana descola da realidade e passa a ser compreendida como realidade a ser realizada. Abre-se aqui um vácuo de sentido onde o homem real dá lugar a um homem ideal, não existente, e em processo de não existir (Cf. Bauman, 2000; Oakeshott, 2000).

Um dos sintomas patológicos desta tecnificação da vida pode ser apreendido como um luto, uma ressaca em relação às utopias modernas. E suas consequências inevitáveis parecem estar ainda longe de seu fim. A razão científica como instância organizadora da nova ordem, libertada da solidez anterior, produz uma liberdade arbitrária num movimento errático absoluto. Percebe que, como efeito do conhecimento das mediações racionais organizadoras do mundo, a orientação humana é esvaziada de sentido e acaba por compreender a modernidade por seu fracasso e a existência como frustração.

A atualidade deste movimento pode ser acompanhada pela principal metáfora da era moderna apresentada por Bauman (2000): a fluidez e, conseqüentemente, a impermanência da construção social e o desenho do ser humano no ar. Fluidez como característica de líquidos e gases, que ao contrário dos sólidos, não suportam a tensão das forças tangenciais ou deformantes, sofrendo

¹ Texto inédito. Resultado parcial de doutorado em andamento financiado pela FAPESP (n. 2012/10176-6).



mudanças de forma constantemente. E a impermanência como a nova ordem líquida que substitui os sólidos derretidos no processo de emancipação da história. Isto diz respeito a realocação de poderes de dissolução da modernidade, do derretimento da ordem e das instituições existentes, para a substituição contínua por outros nichos da nova ordem. O sedimento deste processo se encontra na compreensão da liberdade dos agentes humanos que se vêem livres, porém, condenados por esta liberdade, a constante adaptação num mundo agora sem padrões e referenciais resistentes ao fluxo do tempo.

Mobilidade, leveza, inconsistência, facilidade e rapidez constituem a natureza da fase moderna. Na falta de referenciais o novo alvo pode ser identificado na dissolução dos elos que entrelaçam escolhas individuais e a inviabilidade de ações coletivas, onde a autoconstrução individual se torna endêmica e leva ao fim a própria vida do indivíduo, que escorre e não se sustenta, não tem forma por si e se torna escravo da especulação com o outro. É moldado por outros que são iguais a ele, água moldando água, em processo de não existir (Cf. Bauman, 2000).

Neste grande movimento em aceleração ao vazio, a razão desconstruindo a tradição não coloca nada em seu lugar e, qualquer tentativa de reconexão concreta com o mundo não tem o peso, nem a garantia de permanência. Relações são frouxamente atadas para serem novamente desfeitas, conforme o alerta de Bauman (2004, 13):

Estar em movimento, antes um privilégio e uma conquista, torna-se uma necessidade. Manter-se em alta velocidade, antes uma aventura estimulante, vira uma tarefa cansativa. Mais importante, a desagradável incerteza e a irritante confusão, supostamente escoraçadas pela velocidade, recusam-se a sair de cena.

E, neste cenário de inconsistências e confusões, na área da saúde tornam-se candentes as discussões acerca da humanização, porém, trazendo em seu bojo de soluções *o próprio problema*: a humanização compreendida com um processo técnico de procedimentos que assegurariam uma humanização no cuidado do paciente/ usuário. Isto torna evidentes os equívocos nos fundamentos teórico-filosóficos que sustentam os diversos discursos acerca das práticas de humanização. Tal cenário movido por surpreendentes progressos no desenvolvimento técnico científico traz avanços inegáveis na prática das Ciências Médicas. Porém, no que concerne à compreensão de uma prática médica *humanizadora* em saúde, nascida no seio de uma visão científica, redundando numa *humanização* restrita a padrões de procedimentos, habilidades e técnicas *humanas* que acabam paradoxalmente resultando em desumanização. Difícil acreditarmos em fórmulas imbatíveis no que diz respeito à planificação de procedimentos humanos para além da técnica. Sendo o progresso técnico inegável a obsolescência da utilidade dos procedimentos está inscrito em sua impermanência no tempo, o útil não permanece no tempo. E a busca de correspondência entre fórmulas e realidade são percebidas por profissionais, estudantes das áreas médicas e pacientes pela sua ineficácia, pela ausência de sentido, e como frustração (Gallian, 2002; Gallian & Reginato, 2009).

Compreendemos Humanidades como um conjunto de saberes e práticas que foram se constituindo ao longo da experiência humana no tempo e à margem do campo das ciências. Muito mais relacionado com as tradições do que com perspectivas metodológicas e racionais. E, neste sentido, com trânsito mais livre, longe das repetições mecânicas, e muito mais voltadas à esfera criativa e volitiva do ser (Ribeiro, 2001). Uma esfera que pode fazer frente aos problemas, fecundando e inovando a própria atividade científica, na medida em que compreende a humanização como formação humanística, *Paidéia* no sentido original do termo. (Jaeger, 2001). Isto vem de encontro a uma necessidade fundamentalmente epistemológica. Pela lógica do desenvolvimento das ciências só poderíamos falar em verdadeira evolução do conhecimento quando buscarmos integração dos saberes de caráter físico experimental à formação humanística. Tal como em sua origem a Medicina Ocidental foi uma ciência essencialmente humanística (Cf. Gallian, 2012; Jaeger, 2001).

A abertura à dimensão humanística do conhecimento conta assim com repertórios da Literatura, Filosofia, Religião, História e Artes (Kaufmann, 1995) como meio privilegiado das discussões acerca da humanização, e por decorrência, Ética e Bioética, na prática dos profissionais da

área da saúde. Porque atua numa confluência entre fundamentação teórica e um experimental diferenciado resultante de uma experiência concreta, o Laboratório de Humanidades, que realiza trânsito entre: fruição de obras literárias e reflexão filosófica/histórica/estética conjugadas em planos múltiplos, numa fusão entre o individual e o social expandindo o alcance de uma transformação concreta em ato, pessoal e profissional no mundo.

Da noção de perfectibilidade

[...] identificar a perfectibilidade do homem com sua capacidade de se aperfeiçoar tecnicamente numa atividade significa deparar-se com dificuldades insuperáveis – a menos que a perfectibilidade seja inteiramente divorciada da perfeição moral. (Passmore, 2004, 26)

Herdeiros que somos das utopias racionalistas não deixamos de buscar variedades de projetos perfectibilistas articulados num discurso organizado. E que sempre nos apresentam uma realidade possível, não existente, mas antes, na *esfera* do possível. E será neste rastro que as questões morais emergem violentamente. Quando um projeto nos apresenta possibilidades de um mundo e um homem ideal, aperfeiçoado, fruto de uma infeliz viagem teórica vazia é o ser humano concreto quem fica de fora. A matriz deste racionalismo compreendida como a faculdade racional que tudo entende e tudo projeta, e seu produto suposto, a perfectibilidade, constituiu uma moda intelectual pós-renascentista conforme Oakeshott (Cf. 2000). Sendo que o fracasso das tentativas não inviabiliza de vez novas profecias perfectibilistas. Passmore identifica que em sua variação secular ganhou amálgamas de uma versão mística científica. A manipulação genética é ressaltada como a salvação dos males do corpo e da alma. Educação, Ciência e Legislação são defendidas como instrumentos de perfeição (Cf 2004, 537). Se neste mundo onde relações sociais são matematicamente calculadas podem, por um lado, encarnar nossos sonhos mais secretos, por outro lado, é exortado pela literatura como aquilo que deveríamos deter (Cf. Huxley, 2009; Dostoiévski, 2004, 2000). Não porque dizem respeito às descobertas científicas em si, mas antes, da maneira que estas afetariam os seres humanos: o custo da felicidade política e saciedade individual estariam no fato de levarem os seres humanos a amarem a servidão. As aplicações estatísticas interessam-se somente pelos grandes números e não pelos indivíduos singulares.

Um dos sintomas presentes em nossos dias pode ser observado no fenômeno da exclusão dos excêntricos, o indivíduo que mesmo “disfarçado” não tem permissão para viver. Uma fobia que demonstra uma corrida irresistível rumo ao mundo limpo e especializado. O desconforto em relação aos *outsiders* deveria nos levar a desconfiança que a gerencia do mundo, onde a liberdade fica subordinada à “perfeição”, somente poderia ser realizada na compreensão da perfeição individual como especialização técnica, e a perfeição do mundo como a realização de desempenhos específicos de tarefas. Sendo que a versatilidade e criatividade, tão caracteristicamente humanas, deverão ceder lugar às regras gerais.

Ora, que prazer se pode ter em desejar segundo uma tabela? Mais ainda: no mesmo instante, o homem se transformará num pedal de órgão ou algo semelhante; pois que é um homem sem desejos, sem vontades nem caprichos, senão um pedal de órgão? (Dostoiévski, 2000, 40)

Seria assim possível pensarmos a humanização do homem, do profissional, com bases somente em prescrições técnicas?

Ao percurso estético literário

A consciência científica do homem moderno aprendeu a orientar-se em complexas condições de um “universo contingente”, não se desconcerta diante de quaisquer “indefinições”, mas sabe levá-las em conta e calculá-las. Essa consciência há muito acostumou-se ao universo einsteiniano com sua multiplicidade de sistemas de cálculo, etc. Mas no campo do conhecimento *artístico* continua, às vezes, a exigir a mais grosseira, a mais primitiva definição que, evidentemente, não pode ser verdadeira. (Bakhtin, 1997, 275)

No lugar das *sínteses sofisticadas*, porque cientificamente bem calculada, o trabalho com obras de arte não deverá levar a visões harmônicas e coesas das coisas. Os projetos utópicos e totalizantes não podem mais ser considerados desejáveis. Embora ainda presentes (Cf. Ribeiro, 2001). Ao contrário, é a originalidade que pode contrapor a ciência aplicada na literatura. Para Bakhtin a oposição às relações mecânicas é o dialogismo: onde começa a consciência começa o diálogo, a vida é uma contraposição dialógica que compreende: a coexistência e a interação, simultaneidade e confrontação. Não há categorias genéticas nem causais, nem acabamentos ou sistemas. Enfim, chegaremos a inconclusibilidade e à precária infinitude da consciência. O sentido sério e profundo de seu trabalho pode ser assim expresso: não se pode transformar o homem vivo em objeto mudo, definido, à revelia. Nenhuma consciência se converte definitivamente em objeto da outra (Cf. Bakhtin, 1997).

O homem nunca coincide consigo mesmo. [...] a autêntica vida do indivíduo se realiza como que na confluência dessa divergência do homem consigo mesmo, no ponto em que ele ultrapassa os limites de tudo o que ele é como ser material que pode ser espiado, definido e previsto “à revelia”, a despeito de sua vontade. A vida autêntica do indivíduo só é acessível a um enfoque *dialógico*, diante do qual ele responde *por si mesmo* e se revela livremente. [...] uma verdade *à revelia*, transforma-se em mentira que o humilha e mortifica caso esta lhe afete o “santuário”, isto é, o “homem no homem”. (Bakhtin, 1997, 59)

O trabalho filosófico de Bakhtin, inspirado em Dostoiévski, nos diz respeito a relação entre autor e herói, criador e criação, e, sobretudo, na relação entre seus personagens. Porém, amplie-mos a questão para a dialogicidade estendida na relação da obra com seus leitores: a experiência original que as obras clássicas nos proporcionam, nunca *à revelia*, mas antes uma *ampliação da consciência* entre seres que se sabem inacabados. A obra clássica, moderna ou antiga, pode ser considerada o “equivalente do universo, à semelhança dos antigos talismãs” (Calvino, 1993, 13), comporta uma relação pessoal de identificação tornando-se o *seu* clássico, assim como de forte rejeição e antítese.

Uma descoberta artística ocorre cada vez como uma imagem nova e insubstituível do mundo, um hieróglifo de absoluta verdade. Ela surge como uma revelação, como um desejo transitório e apaixonado de apreender, intuitivamente e de uma só vez, *todas* as leis deste mundo – sua beleza e sua feiúra, sua humanidade e sua crueldade, seu caráter infinito e suas limitações. O artista expressa essas coisas criando a imagem, elemento *sui generis* para a detecção do absoluto. Através da imagem mantém-se uma consciência do infinito: o eterno dentro do infinito, o espiritual no interior da matéria, a inexaurível forma dada. (Tarkovski, 1998, 40)

Não se sai impune deste encontro. Enquanto equivalente do universo mantém a integralidade do *livro total*. Que “provoca incessantemente uma nuvem de discursos críticos sobre si, mas continuamente as repele para longe” (Calvino, 1993, 12). E que é capaz de relegar ao pano de fundo o barulho de nossas atividades pragmáticas e utilitárias. Mas, jamais prescinde delas. “A idéia do infinito [...] pode ser apreendida através da arte, que torna o infinito tangível. Só se pode alcançar o absoluto através da fé e do ato criador” (Tarkovski, 1998, 42). Assim a leitura dos clássicos já configura uma contradição com o ritmo mecânico de nossas vidas. E neste caminho acabamos sendo *lidos* em relação ou em oposição a ela. Tal qual as consciências dostoiévskianas nos romances. Nenhuma utilidade ou fim deve ser vislumbrado no horizonte, mas antes, no lugar do dever ou do respeito esta aproximação diz respeito a uma atividade *desinteressada*, onde só o amor (*desinteressado* e não compulsório, por definição) garante que esta relação não seja abusiva. Porque “A realidade toda – escreveu Dostoiévski – não se esgota no essencial, pois, uma grande parte deste nela se encerra sob a forma de *palavra futura ainda latente, não-pronunciada*” (Bakhtin, 1997, 89).

Os problemas técnicos são brincadeira de criança: pode-se aprendê-los com a maior facilidade. Pensar com independência e dignidade, porém, é muito diferente de aprender a fazer alguma coisa, ou de tornar-se uma personalidade inconfundível. Ninguém pode ser forçado a carregar um peso que não apenas é difícil, mas, às vezes, impossível de suportar. No entanto, não há outra saída: tem de ser tudo ou nada. (Tarkovski, 1998, 148)

A força provocadora das obras literárias dispensa um *operating instructions*, porém, nos leva a pensar nas possibilidades de conciliação entre uma atividade criativa de leitura que não abuse da relação com a integralidade da obra e mantenha, ao mesmo tempo, uma possibilidade de *trânsito* original com liberdade de expressão. “Arte e vida não são a mesma coisa, mas devem tornar-se algo singular em mim, na unidade de minha responsabilidade” (Bakhtin, 2006, xxxiv).

No laboratório de Humanidades

O Laboratório de Humanidades é uma atividade que podemos considerar como autenticamente universitária na medida em que reúne ao mesmo tempo: disciplina de Graduação, disciplina de Pós Graduação, atividade de pesquisa e de extensão com a abertura aos participantes livres da comunidade UNIFESP. Nela a multiplicidade de interesses, idades e inserções sociais e acadêmicas constituem sua maior riqueza e dinâmica. Em desenvolvimento desde 2004 na Escola Paulista de Medicina/ UNIFESP, inicialmente como continuidade da disciplina de Graduação em História da Medicina, foi ganhando corpo em maiores proporções até a forma em que funciona hoje: como um grupo de reunião semanal onde são discutidos obras da literatura clássica, moderna ou antiga (Cf. Bittar *et al.*, 2013).

O contexto na qual se insere esta disciplina se dá como uma das frentes do Projeto de Pesquisa Regular FAPESP *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades*: investigação e experimentação, conforme problematizado por Gallian *et al.* (2012) em seu artigo *Humanização, Humanismos e Humanidades*. E também num contraponto às demandas que passam por discussões institucionais articuladas na forma de políticas públicas em âmbito governamentais (Brasil, 2003) que vêm identificando a problemática da humanização na área da saúde. Mas que ao contrário de proposições protocolares acerca da humanização propõe um percurso *heterodoxo* de formação partindo de uma experiência empírica (laboratorial) concreta. Experiência que não se limita fundamentalmente como racional cognitiva, mas que leva em consideração outros aspectos da existência humana, como o afeto, a inteligência e a vontade.

Ao considerarmos que o modelo global de racionalidade científica moderna constituiu-se desde seu início nos domínios das Ciências Naturais, as chamadas Humanidades, ou estudos humanísticos, foram colocadas à margem do saber legitimamente constituído. Por não serem fundadas nas mesmas bases - historicamente infinitamente anteriores à emergência das Ciências - tem suas fronteiras ostensivamente policiadas, consideradas irracionais e intrusas, perturbadoras das categorias gerais passíveis à verificação e repetição. A rejeição ao seu estatuto científico se dá em função de não compartilhar os mesmos princípios epistemológicos e metodológicos com o modelo *ortodoxo*. E neste sentido, na mesma medida que percebemos os efeitos negativos da arbitrariedade do conhecimento científico disciplinar que segrega em favor do policiamento de suas fronteiras, é reconhecido o fato que a hiper especialização dos saberes acaba por tornar o cientista um “ignorante especializado” (Santos, 1988, 17). Os efeitos deste fenômeno são visíveis, sobretudo no domínio da ética nas ciências, ou tecnologias aplicadas. A legislação do impacto destrutivo das aplicações do conhecimento hiper especializado foge das mãos dos cientistas (Cf. Santos, 1988; Shattuck, 1998; Vega Rodriguez, 2002) na mesma velocidade que instrumentos manuseáveis reduzem a riqueza das personalidades, em função de exigências funcionais unidimensionais. As medidas propostas para correção acabam de forma geral por reproduzir o problema de outra forma.

Neste sentido o saber advindo das Humanidades que preferem a compreensão do mundo à sua manipulação pode ser recuperado se colocado a serviço de uma reflexão sobre o mundo e o homem. Um saber que não nos separe, mas antes, nos una à experiência do que pesquisamos. Quando a segurança e a precariedade do sentido de nossas vidas domesticadas se vêem reduzidas

as esferas da mera sobrevivência se faz relevante a seguinte consideração: “A qualidade do conhecimento afere-se menos pelo que ele controla ou faz funcionar no mundo exterior do que pela satisfação pessoal que dá a quem a ele acede ou partilha” (Santos, 1988, 20).

No Laboratório de Humanidades os participantes são expostos a uma experiência estética literária, acervo das Humanidades na forma de literatura clássica. A obra escolhida é lida individualmente e depois levada ao compartilhamento de suas experiências de leitura. De acordo com uma metodologia própria estas experiências que são inicialmente afetivas são dinamizadas dando início a um processo de reflexão, intelectual, que emerge a partir dos conteúdos e repertórios tão distintos em razão da multiplicidade de participantes, portanto, de seus acervos. Não se trata de um trabalho em crítica literária, nem formulado com bases analíticas conceituais estereis. Muito menos do uso da literatura de forma instrumental. Mas antes, de um *evento* (Cf. Bakhtin, 2010; 2006), um acontecimento real e singular que busca uma não separação entre o mundo da cultura e o da vida. Assim o percurso *heterodoxo* de formação no Laboratório realiza ainda um *resgate* devolvendo a literatura ao público comum, como fonte de humanização do homem moderno, para além

[...] das leituras e interpretações autorizadas e autoritárias da crítica especializada, oficializadas e impostas pelos aparelhos ideológicos nas esferas educacionais e culturais, [onde] as grandes obras, os clássicos da literatura universal, passaram a ser território de especialistas e iniciados. (Gallian, 2012, 1)

Este empoderamento de tal crítica especializada acabou por empobrecer radicalmente uma das maiores fontes culturais e éticas em nosso tempo, uma concepção estreita que acabou por desligar a literatura do mundo e de seus leitores. Consideramos com Todorov (2010) que o objeto da literatura é a própria condição humana, e não levará o leitor a tornar-se um especialista em análise literária, mas antes, um conhecedor do ser humano.

Assim, os estudos literários encontrariam o seu lugar no coração das humanidades, ao lado da história dos eventos e das idéias, todas essas disciplinas fazendo progredir o pensamento e se alimentando tanto de obras quanto de doutrinas, tanto de ações políticas quanto de mutações sociais, tanto da vida dos povos quanto da de seus indivíduos.

Se aceitarmos essa finalidade para o ensino literário, o qual não serviria mais unicamente à reprodução dos professores de Letras, podemos facilmente chegar a um acordo sobre o espírito que o deve conduzir: é necessário incluir as obras no grande diálogo entre os homens, iniciados desde a noite dos tempos e do qual cada um de nós, por mais ínfimo que seja, ainda participa. (Todorov, 2010, 93-94)

E será neste espírito que o aspecto formativo e humanizador compreendido pelo Laboratório se dá na dimensão da experiência estética, *Paidéia* no sentido grego, porque integra uma antropologia do homem inacabado, sempre vindo a ser, nunca terminado. Esta dinâmica tem em sua base a busca de excelência (*areté*), virtude, que não deve ser tomada como conceitual vazio e abstrato, mas antes do âmbito da vontade, das atitudes e responsabilidades nas escolhas. Neste sentido, estética e ética são integradas, porém sua realização prescinde de atitudes ou competências pré-estabelecidas em princípio como que dotadas de conteúdos como mandamentos. Desta perspectiva não se pode pretender, nem compreender, a ética (aspecto prático da *arete*, sem este aspecto seria mero conceito ou ideal) tomada de teorizações abstratas universalizantes.

Ao contrário, ao priorizarmos o *evento* e a *singularidade* de cada ser o implicamos numa participação da vida real que deriva de sua singularidade na medida em que o ganho de sentido acontece para cada um. Por exemplo: genericamente a proposição *o homem é mortal* só adquire sentido e valor a partir do lugar de uma pessoa única, o valor de minha morte, de meu próximo, de uma pessoa real. Somente a um homem desencarnado, indiferente, não participante, todas as mortes são iguais em relação ao valor. Assim o genérico e abstrato apagam o valor, tornam inútil e indiferente o ato singular. Da mesma maneira encontramos na abertura de Anna Karenina:

“Todas as famílias felizes se parecem, cada família infeliz é infeliz à sua maneira” (Tolstói, 2005). Desta maneira não há álibis para a existência humana, não há escapatória. Entre a validade abstrata e genérica e a unicidade do ato não repetível (na tomada de decisão) encontramos uma força responsável (Cf. Bakhtin, 2010).

Bakhtin (2010, 30-31) identifica uma visão que se realiza na escrita literária como uma *arquitetônica* organizada em torno do ser humano singular, centro de valor em sua unicidade, insubstituibilidade, precariedade, mortalidade, que tem “[...] os seus significados abstratos preenchidos em relação à situação emotivo-volitiva deste centro participativo – de um sentido concreto”. Somente num enfoque dialógico, como o todo da interação entre várias consciências dentre as quais nenhuma se converteu definitivamente em objeto da outra (Cf. Bakhtin, 1997, 17) se constitui a arquitetônica do ato responsável sem álibi, na medida em que mantém a alteridade do centro de valor, a partir de um lugar único, participativo e não indiferente.

E será neste sentido que esta pesquisa propõe identificar por correspondência que a experiência do Laboratório de Humanidades promove em seu percurso estético literário uma *arquitetônica* constituída por uma autêntica polifonia de vozes participantes e plenivalentes (plenas de valor) consideradas em suas singularidades como centros absolutos de valor. A polifonia ainda compreende uma multiplicidade de consciências equípolentes que participam do diálogo em absoluta igualdade e, sobretudo, não se objetificam; não perdem sua personalidade (Cf. Bakhtin, 1997, 6). Ao efeito da interpelação realizada na leitura da obra literária conjuga-se a “vontade artística da polifonia que é a vontade de combinação de muitas vontades, a vontade do acontecimento. Estética e ética realizadas num acontecimento singular que propõe a unificação da experiência num mundo concreto de realizações e escolhas, de participação sem álibis, pessoal e profissional, autoral e criadora.

A criação científica no paradigma emergente assume-se como próxima da criação literária ou artística, porque a semelhança destas pretende que a dimensão activa da transformação do real (o escultor a trabalhar a pedra) seja subordinada à contemplação do resultado (a obra de arte). (Santos, 1988, 20)

REFERÊNCIAS

- Bakhtin, M. (2006). *Estética da Criação Verbal*. São Paulo: Martins Fontes.
- (1997). *O Problema da Poética em Dostoiévski*. Rio de Janeiro: Forense Universitária.
- (2010). *Para uma Filosofia do Ato Responsável*. São Carlos: Pedro & João Editores.
- Bauman, Z. (2004). *Amor Líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos*. São Paulo: Jorge Zahar.
- (2000). *Modernidade Líquida*. São Paulo: Jorge Zahar.
- Bittar, Y., Gallian, D. M. C., Souza, M.S.A. (2013). A Experiência Estética da Literatura como Meio de Humanização em Saúde: O Laboratório de Humanidades da EPM/UNIFESP. *Revista Interface*, 17(44), jan./mar.
- Brasil (2003). Ministério da Saúde. *Humaniza SUS: Política Nacional de Humanização*. Brasília, Ministério da Saúde.
- Calvino, Í. (1993). *Por que ler os Clássicos*. Trad. Nilson Moulin. São Paulo: Companhia das Letras.
- Dostoiévski, F. M. (2000). *Memórias do Subsolo*. Trad. Boris Schnaiderman. São Paulo: Editora 34.
- (2004). *Os Demônios*. Trad. Paulo Bezerra. São Paulo: Editora 34.
- Gallian, D.M.C. (2002). “As Humanidades e o Saber Médico”. *Notandum, Salamanca*, 9, 47-50.
- et al. (2010). *As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades: investigação e experimentação*. Projeto de Pesquisa Regular FAPESP (n.2010/ 50448-0). Disponível em <<http://www.bv.fapesp.br/pt/projetosregulares/27591/patologias-modernidade-remedios-humanidades-investigacao/>>. Último acesso em: 08 de abr. 2013.
- (2010). *A (Re)humanização da Medicina*. Disponível em: <<http://hottopos.com/convenit2/rehuman.htm>>. Último acesso em: 14 de fev. 2012.
- (2012). “Literatura e Formação Humanística em Medicina: o experimento do Laboratório de Humanidades da EPM/ UNIFESP”. *Revista de Medicina/ Departamento Científico da Faculdade de Medicina da Universidade de São Paulo*, 92. (no prelo)
- , Pondé, L. F., Ruiz, R. (2012). “Humanização, Humanismos e Humanidades: Problematizando Conceitos e Práticas no Contexto da Saúde no Brasil”. *Revista Internacional de Humanidades Médicas*, 1(1), 5-15.
- , Reginato, V. (2009). “Relação assistencial e sua humanização”. In: Ramos, D.L.P. (Org.). *Bioética, Pessoa e Vida*. São Caetano do Sul. Difusão Editora, pp. 117-133.
- Huxley, A. (2009). *Admirável Mundo Novo*. São Paulo: Globo.
- Jaeger, W. (2001). *Paidéia: A Formação do Homem Grego*. São Paulo: Martins Fontes.
- Kaufmann, W. (1995). *The Future of the Humanities: teaching Art, Religion, Philosophy, Literature and History*. New Brunswick, London: Transaction Publishers.
- Oakeshott, M. (2000). *El Racionalismo en la Política*. México: Fondo de Cultura Económica.
- Passmore, J. (2004). *A Perfectibilidade do Homem*. Rio de Janeiro, Topbooks.
- Ribeiro, R. J. (org.) (2001). *Humanidades; um novo curso na USP*. São Paulo, Edusp.
- Santos, B. S. (1988). “Um discurso sobre as ciências na transição para uma ciência pós-moderna”. *Estud. av., São Paulo*, 2(2), Ago. Disponível em: <http://www.scielo.br/scielo.php?script=sci_arttext&pid=S0103-40141988000200007&lng=en&nrm=iso>. Último acesso em 14 fev 2012. <http://dx.doi.org/10.1590/S0103-40141988000200007>.
- Shattuck, R. (1998). *Conhecimento Proibido: de Prometeu à Pornografia*. São Paulo: Companhia das Letras.
- Tarkovski, A. A. (1998). *Esculpir o Tempo: Tarkovski*. Trad. Jefferson Luiz Camargo. São Paulo: Martins Fontes.
- Todorov, T. (2010). *A Literatura em Perigo*. Rio de Janeiro: DIFEL.
- Tolstói, L. (2005). *Anna Kariênina*. Trad. Rubens Figueiredo. São Paulo: Cosac Naif.
- Vega Rodriguez, P. (2002). *Frankensteiniana: La Tragédia Del Hombre Artificial*. Madrid: Tecnos/Alianza.

SOBRE O AUTORA

Jacqueline Izumi Sakamoto: Doutoranda em Saúde Coletiva pela Universidade Federal de São Paulo - Escola Paulista de Medicina. Integrante do Projeto de Pesquisa As Patologias da Modernidade e os Remédios das Humanidades - FAPESP/ EPM/ UNIFESP. Professora convidada do Grupo de Estudos Humanidades e Humanização em Saúde - CeHFi / EPM/ UNIFESP. Graduação em Pedagogia e Mestre em Ciências da Religião pela Pontifícia Universidade Católica de São Paulo.